

# PROJETOS ESCOLARES

www.projetosescolares.com.br

## Educação Infantil



### PEQUENOS ARTISTAS

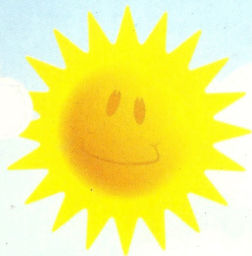
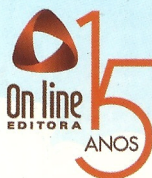
12 sugestões de atividades para estimular a criatividade e as habilidades manuais dos alunos

### CULTURA NACIONAL

Coleção de livros traz curiosidades da infância de nomes como Villa Lobos, Santos Dumont e Alfredo Volpi

### MONTEIRO LOBATO

Mergulhe no universo mágico das histórias do escritor brasileiro e incentive a imaginação das crianças



**37 IDEIAS** estimulam a atenção, a coordenação e o respeito pelo meio ambiente

Apenas R\$ 6,99



## ARRAIAL NA ESCOLA

Amplie a cultura da garotada a partir do contato com as tradicionais festas juninas

- ✓ Corredor de caipirinhas
  - ✓ Roupas e chapéus
  - ✓ Quadrilha animada
- Tudo com passo a passo!

**GRÁTIS**



## COPA DO MUNDO

Esquente a torcida pelo Brasil e desenvolva o espírito esportivo da turma



Ano 6 - Nº 61  
R\$ 6,99  
€ 3,00





ENTREVISTA

# Crianças, sempre crianças!

Texto: Paula Caires/ Foto: Rodrigo Fernando Pereira (divulgação)



Foto: Divulgação / Rodrigo F. Pereira

**H**oje, pessoas famosas, de sucesso, reconhecidas. Ontem, simplesmente crianças! Essa é a temática da coleção *Crianças Famosas*, publicada pela Callis Editora: aproximar os pequenos de pessoas importantes para a nossa história e nossa cultura e colocá-los em contato com o legado dessas personalidades, por meio de um ponto em comum – a infância. **Nereide S. Santa Rosa** é autora dos títulos sobre Carlos Gomes, pioneiro da música erudita no Brasil, Monteiro Lobato, criador do *Sítio do Picapau Amarelo*, Villa-Lobos, autor do *Trenzinho Caipira*, Santos Dumont, o pai da aviação, e o pintor Alfredo Volpi. Com sua experiência de mais de 30 anos como professora, 18 na educação infantil e 25 anos na coordenação pedagógica, Nereide adianta em entrevista para a revista **Projetos Escolares Educação Infantil** algumas curiosidades da vida dessas crianças que se tornaram adultos de sucesso e mostra como as obras podem ser aproveitadas ao máximo em sala de aula. Ela também já foi professora de música e artes plásticas e tem mais de 50 livros publicados, entre os quais a coleção *A Arte de Olhar* (Ed. Scipione), que lhe conferiu o Prêmio Jabuti 2004.

## Projetos Escolares – O que te inspirou a participar da Coleção Crianças Famosas?

**Nereide S. Santa Rosa** – A coleção conta a infância de diferentes personagens da cultura brasileira e eu achei importante publicar a infância deles para a criança conhecer a cultura e as personalidades do Brasil. É uma forma de aproximar esses personagens das crianças e fazer elas se interessarem pela vida e obra deles. Temos Villa-Lobos na música, Santos Dumont, que foi inventor, Monteiro Lobato, que foi escritor, entre outros. O importante é conhecer como eram as brincadeiras deles, porque, muitas vezes, a criança não imagina que aquele adulto também já foi criança e brincou como ela, com pipas e bolas, fizeram aniversário, cantaram parabéns e se tornaram famosas, realizando coisas importantes para a nossa cultura. Assim, as obras aproximam e desmitificam um pouco esses ídolos. Dessa forma, ao ler esses títulos, os pequenos se identificam com os personagens, suas ações, a presença da família e a importância dos pais e das mães na vida de cada um.

**P.E.** – Quais as maiores dificuldades encontradas para elaborar esses conteúdos?

**N.R.** – Esses livros têm por objetivo mostrar o que realmente aconteceu. Minha preocupação, portanto, era checar os dados e a veracidade das informações pesquisadas, porque não se trata de livros ficcionais. As crianças normalmente perguntam: “é verdade mesmo que aconteceu isso ou aquilo com tal pessoa?”. E eu posso dizer sim, que as crianças descritas nos livros realmente se divertiram com aquelas brincadeiras e passaram por aqueles problemas trazidos pelas obras.

No título sobre Monteiro Lobato, a família foi fundamental. É fantástico você perceber o link entre sua infância e sua obra. Coisas que ele vivenciou quando criança, as brincadeiras que praticava, o contato que tinha com as pessoas... Tudo isso, depois, serviu de inspiração para a criação de seus personagens infantis. Por exemplo, ele tinha um professor alto, que usava cartola e era muito exigente. Seu jeito marcou muito o pequeno Lobato, que depois o transformou no Visconde de Sabugosa.

**P.E.** – Como o professor pode desdobrar a obra para aproveitá-la melhor em sala de aula?

**N.R.** – Esse sempre foi meu público e sempre trabalhei na educação infantil na prefeitura; então, eu sei como se pode trabalhar

a obra de arte e a literatura em sala de aula. Villa-Lobos tinha um apelido e essa é uma coisa que o professor pode trabalhar em sala – a questão do apelido. A família de Villa-Lobos o apelidou de Tuhu, porque ele gostava muito de imitar o apito do trem. Pode-se ver que desde muito jovem ele já tinha uma acuidade muito apurada. Essa vivência infantil é importante para a formação da criança e para o futuro dela, e muito rica, não só do ponto de vista da formação do indivíduo, mas também pelo fato de poder se trabalhar a produção artística daquela pessoa. Por exemplo, levar o livro para a leitura em sala de aula e complementar a obra com as produções, ouvir as músicas de Villa-Lobos, deixar as crianças dançar ao ouvi-las, representá-las por meio da pintura... No caso de Santos Dumont, que desde criança mexia com engrenagens, o professor pode estimular os pequenos a também fazê-las, como o catavento, a aerodinâmica das pipas, ou seja, é possível fazer um trabalho muito rico a partir do texto.

**P.E. – Você tem algum fato curioso da infância de Carlos Gomes para nos contar?**

**N.R.** – Uma vez ele construiu uma viola com caixa de sapato, fazendo dos cordões da botina as cordas do instrumento. Era comum ele brincar pelas ruas da cidade, correr atrás de pipas, participar de procissões e brincadeiras típicas entre meninos da idade dele.

Ele morava em Campinas (SP) e seu pai era regente de uma banda na cidade, mas não era de rock não! Era uma banda tradicional, com bumbo e todos os instrumentos de percussão, alguns de sopro. Ele brincava muito com esses instrumentos, tendo o pai como exemplo. Então, como ele queria tocar na banda, o pai lhe deu um triângulo. Mas ele ficou muito bravo e disse que queria algo mais elaborado. Assim, pela sua própria vontade, ele foi aprendendo os instrumentos. Realmente Carlos Gomes tinha uma aptidão para a música fora de sério! Acabou virando o grande maestro que foi.

**P.E. – Qual a relação que você percebe entre o artista Carlos Gomes e a criança Carlos Gomes?**

**N.R.** – O que ficou forte desde o início foi o gosto pela música que ele carregou pela vida inteira. Mas ele sofreu tanto no final... Foi discriminado no Brasil porque aqui já começava a questão nacionalista, enquanto ele havia composto óperas em italiano, pois havia estudado na Itália, e não tinha nada de influência brasileira, ao contrário de Villa-Lobos, que surge bem depois de Gomes já procurando as raízes do nosso país. Mas acontece que Carlos Gomes tinha outro tipo de formação, mais acadêmica, erudita, aprendeu muito com o pai, regente, que tocava vários instrumentos, tinha uma educação mais rígida. Aquele era o contexto da história de vida dele.

**P.E. – Qual a lição que ele deixa às crianças?**

**N.R.** – Além de trazer a música erudita daquela época ao universo infantil, mostra que o brasileiro também produziu óperas em nível de grandes nomes internacionais.

**P.E. – As pessoas, na vida real, passam por dificuldades. Os livros também abordam esses períodos difíceis? É possível abordar tristezas e dores com os pequenos em sala de aula?**

**N.R.** – Tratar a questão da morte, por exemplo, em sala de aula, é muito complicado. A criança é que deve perguntar. O professor pode até abordar o tema, mas não ir muito a fundo, porque pode marcar demais a criança. Acredito que temos que esperar que ela tenha curiosidade e não avançar demais, porque a maneira como ela vai reagir depende muito de sua maturidade. Carlos Gomes perdeu a mãe muito cedo, aos oito anos, e de forma muito trágica – assassinada. No livro, nós contamos que ele perde a mãe e fica muito triste por isso, mas também mostramos que ele vai ter todo o apoio de outra senhora, que vai ser a madrinha dele, e o ajudará a recomeçar a vida. A saudade ficou, mas ele teve que tocar sua vida para frente. Ou seja, é importante perceber a realidade.

**P.E. – Existe um certo estereótipo de que pessoas muito voltadas à literatura, à arte erudita ou a uma educação mais formal são mais sérias ou fechadas? Essas crianças confirmam isso?**

**N.R.** – Não. Monteiro Lobato é um gênio da literatura e sempre foi uma pessoa com personalidade muito forte, muito briguento. Ele liderava em casa e até tinha um apelido que era mandãozinho. Criou a Emília, que é muito exigente e incisiva. Já Santos Dumont até tinha uma dificuldade por ser baixinho. As outras crianças gozavam ele que, por sua vez, sempre dizia que ia ser mais alto que os outros e ia ver todo mundo lá de cima. Depois, se tornou o inventor do avião. Hoje, pilotos de Fórmula 1 são “minhonzinhos”, jogadores de jôquei também. Mas, mesmo assim, ele não era tímido a ponto de ser introspectivo.

Villa-Lobos sempre foi muito alegre e brincalhão, desde pequeno. Então, não vejo isso muito forte não. Acho que depende das oportunidades, do meio ambiente onde se vive, dos pais, que devem conversar e proporcionar a expressão para a criança, e até da escola. A criança muito fechada deve ter algo que está a incomodando, algo que vai despertar em algum momento. Um pouco de atenção e uma conversa, às vezes, a faz desabrochar.

Agora, a crítica social em volta da criança é que pode inibi-la. Por exemplo, todos podemos cantar, pintar, dançar e esses atos são formas de expressão livres que devem ser valorizadas. Não se pode dizer: “você é desafinado”, “não sabe desenhar” ou “não sabe fazer isso direito”. Esse tipo de crítica vai fazendo a criança se retrair e se tornar mais tímida.

**P.E. – Monteiro Lobato criou um universo infantil que se perpetua até hoje. Qual o segredo de seu trabalho?**

**N.R.** – Foi a aventura. Os personagens são dinâmicos, alegres, inteligentes, críticos, que fazem a criança pensar. Cada um com sua personalidade, mas todos naquele universo que suscita a imaginação. É um faz de conta próximo da criança. E é próximo porque é baseado em pessoas reais. Ele transformou toda a fantasia que tinha quando criança em um universo novo. Sua infância facilitou para ele como escritor, porque já tinha aqueles personagens muito próximos dele. Ele primeiro fez a literatura para adultos e só no final da vida resolveu escrever para o público infantil. Portanto, ele já tinha uma vaga experiência como produtor, editor e escritor. Daí, foi só transformar tudo aquilo que ele tinha na memória em personagens, o que, com certeza, ajudou a torná-los mais interessantes para o leitor. Para quem lê, fica muito mais divertido, pois Lobato fala de uma forma tão

natural e gostosa que flui e o leitor tem mais facilidade em imaginar. Parece que o leitor está ali na história.

**P.E. – Sua infância favoreceu essa criação? De que forma?**

**N.R.** – Ele deve ter sido uma criança muito feliz e livre, que teve oportunidade de curtir aventuras. Morava na fazenda do avô, tinha acesso a muitos livros para a época, desenhava, pintava, tinha caderno de recortes, no qual ele escrevia frases e colava coisas importantes como em um álbum, o que na época não era comum. Andava a cavalo, como seu personagem Pedrinho. A dona Benta era a avó Anacleta, uma professora que contava muitas histórias e era muito querida. Até o Reino das Águas Claras pode ter sido inspirado em um ribeirão que havia na fazenda onde ele brincava.

**P.E. – O que lhe chamou mais atenção na infância do criador do sítio do Pica-pau Amarelo?**

**N.R.** – A personalidade dele como criança. Era muito crítico, ativo e aventureiro. Ele explorava o mundo à volta dele e tinha muita curiosidade. Isso que eu vejo em comum nas cinco personalidades sobre as quais escrevi: são crianças curiosas. Acho isso muito legal, porque elas iam além, sempre além! E é como devemos fazer com as crianças em sala de aula: fazer que elas vão além. [Jean] Piaget já dizia que é preciso desconstruir e reconstruir os pensamentos. Então, transforme sempre as práticas, as atividades, as atitudes em algo novo, descubra novas maneiras de fazer a mesma coisa, como no exemplo do Carlos Gomes, que fez de seu cadarço e uma caixa de sapato um violão. Explore a curiosidade dos pequenos.

**P.E. – Os brinquedos prontos e os jogos eletrônicos atrapalham essa exploração da curiosidade?**

**N.R.** – Você tem que dar oportunidade para a criança conhecer. Não tem como deixar de dar um brinquedo eletrônico atual, porque essa é a realidade. Mas temos que fazer a criança se expressar, descobrir esse mundo de forma inteligente, explorar e ser crítica. Ensiná-la a pensar em fazer o diferente.

**P.E. – O pai de Villa-Lobos já era músico. Até que ponto isso foi decisivo na vida dele?**

**N.R.** – Foi fundamental, porque ele frequentava concertos, observava reuniões dos pais, até que ganhou de seu pai um violoncelo pequeno. O pai, apesar de exigir que ele estudasse com muita rigidez, foi muito importante na questão musical. Ele também tinha uma tia que tocava [Johann Sebastian] Bach e ele adorava. Isso contribuiu para que ele fizesse mais tarde as Bachianas Brasileiras. Assim, ele se tornou um referência, e até hoje, suas obras são tocadas no mundo inteiro. Por outro lado, acredito que foi um processo bem natural essa identificação e gosto pela música, pois ele tinha uma acuidade auditiva muito boa, tinha facilidade em perceber os sons com muita nitidez e isso contribuía para ele explorar o instrumento e tocá-lo quase que sozinho. Evidentemente que, com o pai, isso aflorou mais ainda.

**P.E. – Qual traço de sua personalidade foi fortemente destacado desde a infância?**

**N.R.** – O contato com o povo e com o popular e a proximidade

com a natureza. Ele viajou pelo interior do Brasil, percebendo os sons de cada cantinho, o cantar dos passarinhos, os sons da natureza. Ele era um músico muito atento e curioso também e tudo isso ele refletiu em sua obra posteriormente.

**P.E. – Volpi também tinha um pouco dessa característica.**

**N.R.** – Sim, as pinturas de Alfredo Volpi refletem a cultura popular. Em sua obra, temos as bandeirinhas das festas juninas que, assim como o mar, as sereias e os brinquedos que ele pintava, estão presentes em nossa cultura. Ele também fez uma série de quadros baseados em cata-ventos, que são tão próximos das crianças.

**P.E. – A pessoa nasce com um dom ou o desenvolve?**

**N.R.** – Essa é uma questão muito polêmica, mas acredito que uma coisa complementa a outra. Muitas pessoas têm uma facilidade para alguma coisa, uma certa aptidão, mas se não tiver um incentivo do ambiente e uma oportunidade, isso se perde. E pode ocorrer o contrário: o ambiente pode despertar uma vontade, que a pessoa vai e transforma em aptidão. Nada é tão rígido. Trata-se do contexto de cada pessoa e uma coisa integra a outra. Não sabemos quantas crianças têm um dom e não têm a oportunidade, o ambiente propício e o incentivo dos pais para desenvolvê-lo. Mas as personalidades retratadas nos livros da coleção tiveram a chance de progredir.

Às vezes, também, os pais ficam ansiosos e querem dar muitas opções à criança, até forçando situações que ela não quer. Não adianta querer transformar a criança no gênio da pintura, se ela é mecânica, por exemplo. Tudo é uma questão de ter sensibilidade para perceber e respeitar o perfil da pessoa. Os pais até devem oferecer dados e oportunidades, mas não podem forçar seus filhos.

**P.E. – E a infância da Nereide, como foi?**

**N.R.** – Foi muito feliz. Eu lia muito e brincava muito. Meus pais sempre me incentivaram na leitura, tanto que minha brincadeira favorita era de ser professora, o que realmente me tornei. Mas também gostava de brincar de correr e outras atividades de criança. Aos seis anos de idade, fui aprender a tocar piano. Hoje toco as músicas de que gosto para mim mesma.

**P.E. – O que cada uma dessas crianças famosas ensinou de mais importante a nossas crianças?**

**N.R.** – Perceber que elas podem se tornar adultos produtivos e felizes, mas, para isso, precisam acreditar em si mesmas, assim como as personalidades dos livros acreditaram neles mesmos. A coleção mostra que nós podemos e somos capazes de realizar algo importante para a sociedade. Ou seja, é acreditar sempre em nós mesmos e fazer aquilo que mais gostamos, da melhor maneira, para sermos felizes.

**Outros livros da autora:**

*Coleção Arte e Raízes* (Ed. Moderna);

*Coleção Arte na Sala de Aula* (Escala Educacional);

*Coleção História da Arte Brasileira para crianças* (Pinakothek);

*Coleção Nomes do Brasil e Jindanji* (Duna Duetto Editora);

*Papel e Tinta, Artes do Japão* (Callis, 2008).